



**TERRITÓRIO, FRONTEIRAS E MEMÓRIA: REPRESENTAÇÃO DA
RESISTÊNCIA PALESTINA EM O SAL DESSE MAR**

**TERRITORY, BORDERS AND MEMORY: REPRESENTATION OF
PALESTINIAN RESISTANCE IN SALT OF THIS SEA**

**TERRITORIO, FRONTERAS Y MEMORIA: REPRESENTACIÓN DE LA
RESISTENCIA PALESTINA EN LA SAL DE ESTE MAR**

JAMER GUTERRES DE MELLO

Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). E-mail: jamermello@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1771-204X>

JULIANA SANTOROS MIRANDA

Doutoranda (bolsista Capes) e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), jornalista e fotógrafa. E-mail: julianasantorosdoutorado@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8656-4875>

MAREU AL-SHAFEE

Graduande em Cinema e Audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM), fotógrafo, figurinista e cineasta. E-mail: mareufotografia@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6248-9360>

RESUMO:

O presente texto tem por finalidade discutir a questão palestina a partir do filme *O Sal Desse Mar* (2008), o primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher palestina, a cineasta Annemarie Jacir. O cinema palestino funciona historicamente como uma ferramenta de resistência e preservação da memória, especialmente para palestinos na diáspora, como a protagonista Soraya, que busca reconectar-se com suas raízes. A análise tem foco nos desafios enfrentados pelo povo palestino (exílio, diáspora, memória, identidade, ocupação israelense), vistos a partir de uma perspectiva crítica sobre o conflito entre Israel e Palestina. No filme, a resistência política e cultural palestina é central e se destaca como uma narrativa alternativa à visão hegemônica ocidental.

Palavras-chave: Palestina; Cinema palestino; Annemarie Jacir; O Sal Desse Mar; Orientalismo; Memória.





ABSTRACT:

The purpose of this text is to discuss the Palestinian issue through the film *Salt of This Sea* (2008), the first feature film directed by a Palestinian woman, the filmmaker Annemarie Jacir. Palestinian cinema has historically functioned as a tool of resistance and memory preservation, especially for Palestinians in the diaspora, such as the protagonist Soraya, who seeks to reconnect with her roots. The analysis focuses on the challenges faced by the Palestinian people (exile, diaspora, memory, identity, Israeli occupation), viewed from a critical perspective on the Israel-Palestine conflict. In the film, Palestinian political and cultural resistance is central and stands out as an alternative narrative to the Western hegemonic view.

Keywords: Palestine; Palestinian cinema; Annemarie Jacir; Salt of This Sea; Orientalism; Memory.

RESUMEN:

El presente texto tiene como finalidad discutir la cuestión palestina a partir de la película *La sal de este mar* (2008), el primer largometraje dirigido por una mujer palestina, la cineasta Annemarie Jacir. El cine palestino ha funcionado históricamente como una herramienta de resistencia y preservación de la memoria, especialmente para los palestinos en la diáspora, como la protagonista Soraya, que busca reconectarse con sus raíces. El análisis se centra en los desafíos que enfrenta el pueblo palestino (exilio, diáspora, memoria, identidad, ocupación israelí), vistos desde una perspectiva crítica sobre el conflicto entre Israel y Palestina. En la película, la resistencia política y cultural palestina es central y se destaca como una narrativa alternativa a la visión hegemónica occidental.

Palabras clave: Palestina; Cine palestino; Annemarie Jacir; La sal de este mar; Orientalismo; Memoria.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi escrito após os acontecimentos que se iniciaram em 7 de outubro de 2023 na Palestina, que atingiram (e ainda têm atingido) proporções alarmantes na crise humanitária da região, segundo a agência das Nações Unidas (SAMBADO, 2024, n.p.). Desde essa data, “mais de 32 mil pessoas perderam a vida em toda a Faixa de Gaza e na Cisjordânia, incluindo 13 mil crianças” (SAMBADO, 2024, n.p.) e os feridos totalizam em mais de 74 mil. Quase 80% da população da Faixa de Gaza (cerca de 1,7 milhões de pessoas) foi deslocada. Enquanto citamos esses dados de abril de 2024, tais números já aumentaram neste exato momento.

Dada a tentativa de dizimar o povo e a cultura palestina, o cinema feito por pessoas palestinas (seja de moradoras da região, seja das localizadas na diáspora) se torna um importante recurso de construção de representação e memória. Para Mareu Al-Shafee, uma das pessoas autoras desta pesquisa, explorar e disseminar





informações sobre o assunto se torna ainda mais relevante ao considerar sua origem familiar palestina, das regiões de Ramallah e Beit Lakhya, e sua vivência entre o Brasil e a Palestina. Tal perspectiva nos permitiu identificar uma lacuna significativa na literatura e nas discussões culturais sobre o cinema palestino, especialmente no que tange as narrativas femininas e sexos fora a cisgeneridade.

Optamos por investigar e aprofundar nosso estudo na obra de Annemarie Jacir, que é uma figura proeminente no cinema palestino contemporâneo. A cineasta possui uma filmografia rica e diversa que merece atenção crítica, acadêmica e cultural, além de abordar questões sociopolíticas e subjetivas palestinas em suas obras, que vão além do conflito, contribuindo para a compreensão e a reflexão acerca da questão palestina a partir de cotidianos banais e histórias pessoais que compõem o tecido social palestino. Nesse sentido, abordaremos especificamente o filme *O Sal Dese Mar (Milh Hadha al-Bahr, 2008)*.

Ainda sobre os acontecimentos mais recentes, a cobertura midiática convencional teve êxito ao menos em tornar a causa palestina, agora, um assunto debatido entre outras camadas sociais no Brasil – sendo que, anteriormente, era um debate mais restrito a intelectuais, militantes políticos de esquerda e pessoas de raízes palestinas e árabes, entre outros grupos semelhantes. Um número maior de pessoas está consciente sobre a questão palestina por conta dos últimos eventos relacionados ao Hamas e à resposta desproporcional do governo israelense de Benjamin Netanyahu, apesar de a Palestina ser brutalmente atacada há mais de 75 anos.

Quanto à história da ideologia sionista e os territórios ocupados, Mohsen Mohammad Saleh diz que:

O movimento sionista, que buscou estabelecer um estado judeu na Palestina, deve sua existência à mobilização pró-sionismo dentre cristãos europeus desde o século XVI – em particular, protestantes –, que realizaram campanhas consecutivas para impor o assentamento judaico às terras palestinas. (...) O estabelecimento da entidade sionista para cumprir um papel de “Estado-tampão” apoiado pelo colonialismo ocidental – em particular, britânico – representa o ápice da ameaça sionista ocidental (SALEH, 2021, p. 8-9)





Não à toa há uma afetação orientalista¹ e eurocêntrica² no discernimento de tais fatos, mas, ainda assim, palestinos e militantes (políticos, acadêmicos ou cineastas) da causa palestina existem e resistem. “Chamar o lugar de Palestina e não de Israel ou Sião já é um ato de vontade política”, como diz Edward Said (2012, p. 11).

Neste artigo, falaremos sobre Palestina, representação e identidade a partir do cinema. Entretanto, para abordar como são construídas tais simbologias e narrativas cinematográficas, é preciso situar, ainda que brevemente, o panorama relacionado à Palestina. As histórias, a forma com que são contadas e os seus personagens são como são porque assemelham-se à própria história da Palestina. Como diz Annemarie Jacir: “com câmeras, contamos nossas próprias histórias, representamos nossas experiências e resistimos à imposição de nos tornarem invisíveis” (2006, p. 31, tradução nossa).

2 A NAKBA

O deslocamento de cerca de 700 mil árabes da área outrora conhecida como Palestina no fim da década de 1940 é conhecido como *Nakba*, uma palavra árabe que significa *catástrofe*. Esse êxodo palestino, ocorrido durante e após a guerra árabe-israelense de 1948, levou à criação do Estado de Israel. Centenas de milhares de palestinos foram forçados a abandonar suas casas e terras, resultando em uma grande diáspora.

As causas da *Nakba* incluem disputas entre árabes e judeus na região e tensões étnicas e religiosas. Entretanto, sobretudo acerca da questão religiosa, disseminada muitas vezes como a principal, Marcelo Buzetto desmistifica:

Para quem aceita os princípios fundamentais do direito internacional humanitário só existe uma maneira de analisar o conflito Palestina-Israel com alguma objetividade e seriedade: é um conflito entre colonizadores e colonizados. De um lado, a população originária e nativa, conhecida como povo palestino. De outro, os colonizadores, estrangeiros que se deslocaram da Europa com apoio do Império Britânico e demais potências imperialistas

¹ O termo orientalismo, abordado pelo ativista e intelectual palestino-estadunidense Edward Said, se trata da postura de domínio e superioridade do Ocidente sobre o Oriente, sendo a cultura europeia exportada como modelo a ser seguido e o Oriente visto como identidade substituta ou clandestina (SAID, 1990).

² O eurocentrismo, conceito que relacionamos diretamente ao orientalismo, se trata da lógica: "imitai o Ocidente, que é o maior dos mundos", segundo o marxista franco-egípcio Samir Amin (2021, p. 16) – que aborda a questão em um viés político-econômico –, sendo o sistema capitalista responsável, desde o seu início e de modo geral, pela instituição de tal ideia.





para ocupar e conquistar através de uma guerra a pátria palestina. Os palestinos são um povo que até o final do século XIX e início do século XX era constituído por muçulmanos, cristãos, judeus etc. Ser palestino era pertencer a uma terra, a um povo, a um território, a uma nação. Ser palestino não era ser desta ou daquela religião (BUZETTO, 2015, p. 27).

Fundado em 14 de maio de 1948, com base na Declaração de Independência de Israel³, que proclamou a existência de um estado judeu na Palestina, o Estado de Israel foi imediatamente reconhecido por vários países, mas não por outros, o que desencadeou confrontos regionais, disputas territoriais, questões de direitos e uma busca contínua por uma solução de dois estados.

Sendo assim, os palestinos se organizaram por meio de suas próprias iniciativas populares que, ao longo dos acontecimentos, foram crescendo:

Depois da derrota das forças árabes em 1967, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) foi quem assumiu o papel de organizar a população palestina nos campos de refugiados na diáspora para a resistência. Os levantes populares sob a ocupação israelense eram espontâneos, mas sob a direção da OLP. Durante 48 anos o movimento palestino de libertação nacional processou diferentes alternativas políticas, formas ideológicas e metodologias de ação. Os êxitos palestinos foram bastante limitados e se resumem no estabelecimento da Autoridade Nacional Palestina. Esta instituição é muito criticada, já que para a liderança da OLP tornou-se um fim em si mesmo e deixou de ser um instrumento de libertação nacional, se alguma vez já foi. Mas, o que não é menos importante, esta amálgama de estratégias e metodologias garantiram a existência política do povo palestino, de tal maneira que a diversidade se converteu por si num instrumento da resistência (BUZETTO, 2015, p. 23).

Muitos palestinos se tornaram refugiados em países vizinhos ou dentro do território recém-criado de Israel. Houve um impacto significativo na questão palestina e nas relações entre palestinos e israelenses. As consequências incluem o estabelecimento de campos de refugiados para os palestinos e uma profunda divisão política e social na região. Há limitações de espaços definidos aos palestinos pelo Estado de Israel, o direito de ir e vir é comprometido em diversos locais com *checkpoints*, bloqueios e numerosos postos de controle nas áreas ocupadas que restringem a liberdade de circulação dos palestinos. Nesses postos são verificados documentos de identificação e são permitidos ou proibidos acessos a diversas áreas.

³ "David Ben Gurion, presidente do Conselho Nacional Judeu, proclamou o nascimento do Estado de Israel no Museu de Arte de Tel Aviv, no momento em que expirava o mandato britânico sobre a zona" (FRANCE PRESSE, 2018, n.p.), assinando o documento de independência em uma cerimônia com apenas 200 pessoas. A guerra se iniciou no dia seguinte. A ONU já havia aprovado a divisão da Palestina em um Estado judeu e outro árabe, decisão não aceita pelos líderes árabes.





Também há barreiras físicas construídas por Israel, como o Muro da Cisjordânia, que separa comunidades palestinas e implica em grandes obstáculos de movimentações.

Em algumas áreas, Israel designou zonas militares fechadas, nas quais os palestinos não têm permissão para entrar sem autorização. Palestinos que vivem na Cisjordânia e em Gaza muitas vezes precisam de permissões especiais (sendo essas bastante difíceis de obter) para trabalhar ou residir em Israel. O movimento de palestinos entre a Faixa de Gaza e a Cisjordânia é altamente restringido, tornando difícil a reunificação de famílias e a comunicação entre as duas áreas. Muitos palestinos que vivem em Jerusalém Oriental enfrentam restrições de residência e a ameaça de despejo de suas casas devido a políticas de assentamentos israelenses.

Além do impacto profundo na região, esse conflito afeta toda a política global.

3 O CINEMA PALESTINO COMO PARTE DE UMA MEMÓRIA NACIONAL

São notáveis os vários paralelos entre o contexto político na Palestina e o cinema produzido lá. “O trauma central da Palestina, a *Nakba*, é o momento decisivo do cinema palestino – e é em torno dessa lembrança da pátria perdida que os cineastas palestinos articularam a sua cosmovisão estética”, segundo Hamid Dabashi (2006, p. 10-11, tradução nossa).

Sobre a história do cinema palestino, Hannah Sarno afirma que:

A produção de filmes se desenvolveu em relação com a trajetória histórica e a experiência limite da guerra. O movimento de resistência começou a registrar batalhas nos territórios que vinham sendo ocupados antes mesmo de 1948. Em que pese os filmes palestinos continuarem tratando do tema da disputa territorial e da *Nakba*, emergiram diversas tendências, que correspondem a diferentes modos de entender a sociedade e a história, e que expressam a diversidade do povo e o potencial híbrido desse cinema. (...) Foi em 1967, mesmo ano em que Israel derrotou o Egito, a Síria e a Jordânia, e depois ocupou mais territórios na Palestina, que também se constituiu na região um primeiro núcleo de cinema, vinculado à organização Fatah. Em 1971, o núcleo se transferiu para Beirute. Com um equipamento muito modesto, continuou a produzir predominantemente documentários sobre o conflito. Organizações como a P.F.P.L. (Frente Popular para a Libertação da Palestina) e os departamentos de arte e cultura da P.L.O. (Organização para a Libertação da Palestina) também se envolveram com a produção de filmes. Em vista da situação política naquele momento e de acordo com o posicionamento das organizações que os patrocinaram, os filmes visavam centralmente atuar como contrapropaganda aos produzidos por Israel (SARNO, 2022, p. 170).





Joseph Massad (2006) endossa tal afirmação, pontuando que desde os primeiros anos a revolução palestina tratou o cinema como ferramenta essencial. Segundo o autor, é na música, na dança, na pintura, no teatro, na poesia e no cinema que “os palestinos montaram uma resistência cultural que se recusa a cortar a ligação que têm com as suas terras e casas, apesar das conquistas contínuas de Israel e da devastação das suas vidas” (MASSAD, 2006, p. 33, tradução nossa).

Os festivais de cinema palestino aconteciam em Bagdá, no Iraque, até a década de 1980, quando eclodiu a guerra entre o Irã e o Iraque que prejudicou a continuidade desses eventos. Após episódios relacionados a esse panorama sociopolítico, os filmes "passaram a ser feitos de uma forma muito menos didática" (SARNO, 2022, p. 171), com o intuito de expandir o público, atrair financiamento e distribuições internacionais.

Com os Acordos de Oslo na década de 1990⁴, abriram-se possibilidades de paz, o que proporcionou um clima geral de otimismo entre os povos árabe e israelense. Embora a produção interna cinematográfica tenha continuado precária, intensificou-se “a inter-relação entre diretores do exterior e aqueles que permaneceram na região. (...) Foi nesse período que intelectuais e diretores exilados nos EUA e na Europa puderam retornar” (SARNO, 2022, p. 171).

Quando ficou clara a *não* eficácia de tais acordos (o que culminou na segunda Intifada, em 2000), “os filmes feitos no território ocupado e sobre ele também mudaram o tom, tornando-se mais politicamente engajados e explícitos” (SARNO, 2022, p. 171). Neste período o cinema palestino foi consideravelmente prolífico.

Sarno (2022, p. 171) ainda diz que uma característica comum do cinema palestino a outros cinemas de resistência é o “empenho em construir contranarrativas às versões hegemônicas de sua sociedade e história”. No caso específico da Palestina, muito dessa identidade nacional foi construída na diáspora e exílio. Ou seja, trata-se de uma “experiência de pertencimento”, dada a dispersão transnacional e ao

⁴ Os Acordos de Oslo foram uma série de negociações e acordos firmados entre Israel (cujo primeiro-ministro era Yitzhak Rabin) e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) (liderada por Yasser Arafat) - ocorridos na capital da Noruega e mediados por diplomatas noruegueses e Bill Clinton, o então presidente dos Estados Unidos. O Acordo de Oslo I foi assinado em 1993 e estabeleceu um quadro para a autogovernança palestina em partes da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, criando a Autoridade Palestina, além de incluir disposições para negociações futuras sobre questões mais complexas, como o status de Jerusalém, os refugiados palestinos e as fronteiras. Já o Acordo de Oslo II foi assinado em 1995 e expandiu as áreas sob controle palestino e detalhou a implementação do autogoverno. Para a cientista política Moara Crivelente, “esses acordos serviram simplesmente para Israel continuar expandindo as colônias dentro do território que ocupa” (LEÓN, 2023, n.p.).





fato de que o 'país' consiste em um território apenas 'virtualmente' demarcado (SARNO, 2022, p. 171).

Renomados cineastas palestinos como Annemarie Jacir, Elia Suleiman, Larissa Sansour, Hany Abu-Assad, Michel Khleifi, Mai Masri, Rashid Masharawi, Ameen Nayfeh, Emad Burnat, Darin J. Sallam e Mai Masri (entre outros) se destacam por produzirem obras que se contrapõem à invisibilidade e por construírem narrativas alternativas aos estereótipos sobre sua terra natal. São artistas que conseguem incluir complexidades tanto sutis quanto diretas de sua sociedade e história em seus filmes, contribuindo para a formação de outro ponto de vista sobre a Palestina. Cada qual faz isso a seu modo: por meio de elementos e hábitos do cotidiano, criando narrativas mais explícitas quanto ao conflito ou até mesmo fazendo uso do absurdo. Mas em comum vemos um novo modo de se referir à Palestina em filmes. É válido pontuar o que Sarno diz sobre isso:

Tendo em vista que o cinema é uma das formas pelas quais a nação pode ser construída, seus filmes podem ser considerados como cinema nacional, visto que expressam uma perspectiva palestina e tratam do impacto do processo político e social no seu lugar de origem, contribuindo para a criação da nação objeto dos filmes (SARNO, 2022, p. 167).

Assim como outros nomes de destaque do cinema palestino, Annemarie Jacir traz uma representação de natureza plural da identidade palestina e a temática do direito ao retorno. Como diz Maurice Halbwachs, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (1990, p. 34), portanto, a cineasta é uma das contribuintes para esta construção de memória palestina *não mainstream*, avessa ao modelo exótico colonialista e ocidental de representações sobre o povo palestino.

4 ANNEMARIE JACIR E REFLEXÕES SOBRE O SAL DESSE MAR

O trabalho da cineasta Annemarie Jacir tem recebido reconhecimento internacional pela exploração de temas relacionados à identidade palestina, à diáspora e ao conflito político e cultural no Oriente Médio. Nascida em 1974 em Belém, na Cisjordânia, estudou Cinema e Literatura na Universidade de São Francisco, nos Estados Unidos, e continuou seus estudos de Cinema em Nova York. É conhecida





por seus filmes que exploram a experiência palestina e suas complexidades, destacando, além das questões já citadas, a memória e a resistência.

Jacir realizou filmes em que o foco principal não é a violência do conflito entre árabes e judeus, como em *O Sal Desse Mar*, que explora o efeito direto do conflito no cotidiano do povo palestino. Entre outras obras que realizou, estão *Like Twenty Impossibles* (2003) que aborda a vida sob ocupação e as dificuldades enfrentadas pelos palestinos; *Quando Vi Você* (2012) que expressa um contato mais direto com a luta armada e os acampamentos de refugiados; e *Um Convite De Casamento* (2017) que explora as complexidades da sociedade palestina e as tensões entre gerações.

A cineasta também é conhecida por seu ativismo político em prol dos direitos palestinos. Seu trabalho reflete essa preocupação, desafia a narrativa dominante e é valorizado por sua capacidade de dar voz às experiências e perspectivas palestinas. Ela é considerada uma das cineastas mais influentes do mundo árabe, seus filmes foram exibidos em importantes festivais de cinema como Cannes e Sundance, e receberam prêmios e reconhecimentos internacionais.

O Sal Desse Mar é o primeiro longa-metragem feito por uma mulher palestina, conquistou 14 prêmios internacionais (INSTITUTO DA CULTURA ÁRABE, 2018, n. p.) e utiliza uma narrativa não representada no cinema convencional. Também é o primeiro longa-metragem da carreira da cineasta e aborda a história da palestina-estadunidense Soraya, de 28 anos, interpretada por Suheir Hammad.

Embora *O Sal Desse Mar* não tenha como foco as questões militares e de resistência popular organizada (como acontece em *Quando Vi Você*), observamos o conflito afetando as vidas palestinas o tempo todo, tanto pela atmosfera de hostilidade por parte das autoridades com a população, quanto em nuances muito sutis, o que torna a obra ainda mais sagaz.

A protagonista de *O Sal Desse Mar* nasceu e cresceu em Nova York e decide ir à Palestina, de onde sua família saiu para o exílio em 1948, em busca de suas raízes. Surgem questões sobre pertencimento, vínculo, identidade, diáspora, deslocamento e barreiras políticas em meio à situação palestina (como a expulsão da população de suas casas, vilarejos e trabalhos), reivindicações de terras tomadas, a ocupação militar israelense, a (justa) revolta, as complexas relações familiares e sociais e a luta pelo retorno à terra natal. Ao ser questionada sobre "por que uma jovem como você vem para a Palestina?", Soraya responde: "eles nos negam o direito de retorno, eu o peguei".





A personagem tenta recuperar tanto a memória quanto as propriedades que foram confiscadas de sua família décadas atrás. Entre elas, as economias do avô. Diante da recusa do banco, Soraya resolve tomar algumas atitudes e vive experiências com Emad (Saleh Bakri) e Marwan (Riyad Deis), seus amigos palestinos. A trama segue os personagens enquanto eles enfrentam desafios, burocracias e barreiras políticas e culturais (ver figuras 1 e 2).

Figuras 1 e 2: Simplesmente por transitarem à noite, policiais dão ordem de revista a Emad e Soraya; Emad é obrigado a se despir.



Fonte: fotogramas do filme *O Sal Desse Mar* (2008).

São mostradas as dificuldades de muitos palestinos que foram deslocados de suas terras e se tornaram refugiados, como também dos que permaneceram lá e perderam o seu direito de ir e vir. Coletivamente enfrentam dificuldades econômicas e a perda de suas raízes culturais. Sempre explorando a ideia de reivindicação de uma identidade cultural palestina, a obra nos atenta principalmente para a questão diaspórica, por conta de Soraya.

O filme torna evidente a contextualização de Hamid Dabashi, quando diz que "na história do cinema palestino reside um sentido de continuidade que sobrevive à atual situação política dos palestinos e ao curso perturbado da sua nacionalidade" (DABASHI, 2006, p. 9, tradução nossa). A questão da nacionalidade fica evidente quando, em diferentes momentos, Soraya veste camisetas com a palavra "Brooklyn" (onde nasceu) estampada. Uma delas em árabe, a outra em inglês, sendo um dos tantos recursos – junto do fato de que a personagem utiliza ambos os idiomas, a depender do diálogo – que a colocam no cerne de fronteiras geográficas e simbólicas entre Palestina e Estados Unidos (ver figuras 3 e 4).

Figuras 3 e 4: Camisetas de Soraya.





Fonte: fotogramas do filme *O Sal Desses Mares* (2008).

Shahd Wadi, em sua análise sobre o filme, comenta sobre a identidade palestina-estadunidense de Soraya e tudo o que ela traz:

Quando Emad e Soraya discutem o palestinianismo desta última, descobre-se que a fronteira que separa Brooklyn da Palestina, na vivência de Soraya, acaba por problematizar o próprio conceito de fronteira. Soraya é uma palestina de Brooklyn que diz: Não sou estrangeira, não te vou lambar (...) e dizer que és excelente só porque és palestino, you don't know me (diz em inglês), não preciso de um seminário teu sobre o que é a Palestina, não me dizes o que é a Palestina, eu conheço a Palestina, e sei o que é. A conversa é realizada nas duas línguas em simultâneo, em árabe e em inglês, e num tom de hip-hop sublinhado pelo movimento das mãos. Soraya afirma pelas palavras que é palestina. Ao mesmo tempo, incorpora o estilo de hip-hop Brooklyn, afirmando que é também de Brooklyn (WADI, 2014, p. 53-54).

"Vocês aceitam que eles decidam se sou palestina ou não?", pergunta Soraya em outro momento de questionamento de sua identidade. Ainda sobre a língua, que é um forte instrumento de poder e elemento nacional, Wadi diz:

Durante todo o filme encontramos uma mistura das duas línguas, árabe e inglês, com algumas cenas nas quais o hebraico aparece no filme como a língua do ocupante, e uma cena em espanhol, que Soraya aprendeu no seu exílio nos Estados Unidos. O filme afasta-se das tradições cinematográficas árabes, filmes realizados para um público árabe em língua árabe, ou direcionados para um público ocidental em inglês. Com esta estratégia, transforma-se em reflexo da fusão linguística que é uma realidade da vida de muitos exilados palestinianos e de muitos emigrantes em geral (WADI, 2014, p. 54).

Por meio das falas das personagens e simbologias presentes no filme, notamos um forte desejo, busca e reflexões sobre pertencimento. Em uma das cenas, há um diálogo entre a mãe de Emad (que é uma senhora local palestina) e Soraya, em que Soraya explica a origem dos seus familiares, ao que a senhora responde “seja bem-vinda à sua terra” (ver figura 5). Ou seja, ainda que não tenha nascido e crescido ali, considera-se que as origens dela, Soraya, e não só de sua família, sejam dali.





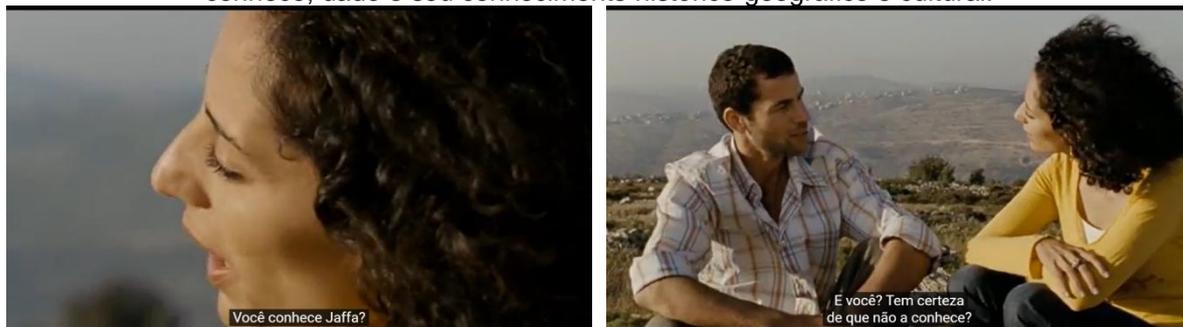
Figura 5: Soraya é tão palestina quanto alguém que nasceu geograficamente na região.



Fonte: fotograma do filme *O Sal Desse Mar* (2008).

Em outro momento, enquanto detalha para Emad as características de seus avós associadas à vivência local e as histórias ocorridas com eles em Jaffa (onde ela nunca esteve fisicamente), Soraya pergunta se ele conhece o lugar, pois gostaria de visitar em busca desse resgate de origens. Mas Soraya parece conhecer Jaffa (que, antes, era uma cidade palestina, enquanto hoje é um bairro de Tel Aviv, Israel), como se fosse habitante de lá (ver figuras 6 e 7).

Figuras 6 e 7: Soraya pergunta a Emad se ele conhece Jaffa e ele questiona se ela mesma não a conhece, dado o seu conhecimento histórico-geográfico e cultural.



Fonte: fotogramas do filme *O Sal Desse Mar* (2008).

A narrativa traz uma poética de jornada, em que a protagonista e os seus amigos estão em uma incessante trajetória e busca, andando pelo território e vivendo situações, elemento que nos remete ao cinema iraniano. Além de toda a questão política envolvida, é notável que Soraya está tentando se encontrar existencialmente. O filme também é sobre um processo interno da personagem.

Faz-se nítida a oposição ao imperialismo estadunidense e ao anticolonialismo dos personagens nos símbolos de foice e martelo, pôsteres de Che Guevara no quarto de Marwan e frases como “armas: feitas na América, com a benção de Israel”. Na cena de “roubo” ao banco (que não é um simples roubo, mas uma forma de retomar



o que já era de Soraya por direito, como ela mesma diz), Emad, com sua *kufiya*⁵, que por si só é um símbolo de resistência palestina, se assemelha visualmente a importantes ícones de militância política (ver figuras 8 e 9), como Yasser Arafat⁶, que também aparece em um quadro na parede do banco palestino, e Leila Khaled⁷, criando uma referência à luta e à resistência e não ao crime.

Figuras 8 e 9: Símbolos e referências sobre posicionamentos políticos dos personagens.



Fonte: fotogramas do filme *O Sal Desse Mar* (2008).

Outro símbolo notório na narrativa são as laranjas, enfatizando o tom histórico da presença desses personagens. Antes da *Nakba*, as laranjas de Jaffa eram uma importante fonte de exportação para agricultores palestinos (ver figuras 10, 11, 12 e 13). A fruta representa a forte conexão dos palestinos com a terra e se tornou um dos símbolos de identidade nacional (SELLA, 2023), assim como as oliveiras (que surgem de modo mais sutil nas cenas de paisagens), as melancias e as berinjelas (que por sua vez não aparecem no filme).

Figuras 10, 11, 12 e 13: As laranjas de Jaffa são evidenciadas a todo momento no filme, inclusive em diálogos.

⁵ Também chamado de *keffiyeh* ou *shemagh*, hoje, no mundo todo, o lenço palestino é usado como forma de prestar solidariedade e apoio à causa palestina. Yasser Arafat foi quem popularizou o item como vestimenta de resistência, em encontros públicos. Outros revolucionários, como Fidel Castro e Nelson Mandela, também utilizavam. No lenço são desenhadas folhas de oliveira, simbolizando as árvores de oliveira centenárias da Palestina; linhas retas referentes às rotas que carregam a história e as tradições da região; e a rede de pesca, que mostra a profunda ligação dos pescadores e do povo palestino com o Mar Mediterrâneo (EIRAS, 2024).

⁶ Foi líder das organizações Fatah e Autoridade Nacional Palestiniana e presidente da Organização para a Libertação da Palestina.

⁷ Guerrilheira militante que integrou diversas organizações, sobretudo a Frente Popular para a Libertação da Palestina. Vive em situação de refúgio há 76 anos.





Fonte: fotografias do filme *O Sal Desse Mar* (2008).

Já em Tel Aviv, onde Soraya tem a chance de visitar a casa que pertencia ao seu avô (graças à cordialidade da habitante atual), vemos um interessante jogo de cores em cena. Irit, a israelense que ali vive, veste uma camiseta laranja que orna com os utensílios, alguns móveis e a fruta sendo espremida em sua mão. Soraya, que conseguiu entrar no território “inimigo” com Emad e Marwan disfarçada de judia e israelense, segue camuflada nesta casa, vestindo azul e atrelando-se aos diferentes tons de azul das paredes, janelas e armários. Claramente o uso de tais cores em cada detalhe presente no enquadramento não é uma coincidência e aproxima (mesmo que pelo conflito) essas personagens de realidades e lados tão distintos, ainda mais se levarmos em conta o diálogo que ocorre entre ambas. A estratégia resulta em um misto de contraste e fusão, tão complexo quanto o panorama a que se refere (ver figuras 14, 15, 16 e 17).

Figuras 14, 15, 16 e 17: A representação de Israel e Palestina pelas cores em cena.





Fonte: fotogramas do filme *O Sal Desses Mares* (2008).

Soraya quer a casa *de volta*. Ela propõe comprar a residência, ao que Irit nega a possibilidade. Soraya insiste em dizer que a casa foi roubada de sua família e que é ela quem decide ou não se Irit pode continuar ali, afirmando que ela pode, desde que reconheça a situação. Irit acha tão absurdo que pontua à Soraya que todas essas questões são referentes ao *ontem* de Israel e Palestina. Soraya se revolta e afirma que o passado de Irit é o cotidiano dela, que a Nakba continua acontecendo para ela (Soraya) e pergunta coisas como “foi meu avô quem assentou este piso, o que ele significa para você?”. Por fim, expulsa dali, Soraya não consegue fazer a reparação histórica que desejava.

Outro elemento importante desde o título da obra é o mar. Soraya e Emad falam sobre ele, sobre a impossibilidade e o desejo de adentrá-lo, sobre há quanto tempo não o frequentam, sobre o que ele representa e por fim correm ávidos ao seu encontro, já na praia em Tel Aviv. Shahd Wadi comenta sobre a primeira cena da obra, uma das principais nesse contexto:

O filme começa com a imagem de Jaffa, observada ao longe através dos olhos dos exilados quando foram obrigados a deixar a Palestina pelo mar, em 1948. Segundo a realizadora, esta era, supostamente, a imagem gravada na memória do avô da protagonista, que deixou Jaffa pelo mar. Ele observava a cidade a ficar cada vez menor, até que lhe desapareceu da vista, sem saber que nunca mais a iria ver (WADI, 2014, p. 48).

O tom de memória é realçado pela escolha do preto e branco (essa é a única sequência com tal estética visual no filme). As imagens que se seguem do mar já se tornam coloridas e, em seguida, surge o título do filme. Sempre que enfrenta algum tipo de crise identitária, a protagonista busca a água e o mar, pois “é lá que se sente em casa: o mar, uma fronteira-fluída-não-fronteira, é a Palestina; o exílio, o lar e também o Brooklyn” (WADI, 2014, p. 54).





Ao mesmo tempo em que diz que detesta o mar, Soraya ama esse mesmo mar, em uma relação contraditória que seria estranha se assim não fosse. Afinal, esse mar é dela, mas não pertence a ela, pois é terra ocupada. É um mar que atua como fronteira. Ele acaba por representar a própria Palestina, mas também a ocupação e a Nakba, especialmente a memória familiar de Soraya, herdada do avô, e o início da viagem em 1948. Esse mar devolve à protagonista “a memória do que nunca viveu” (WADI, 2014, p. 39) enquanto palestina da diáspora, pois materializa detalhes das histórias que cresceu ouvindo ao ter contato com esse mar na pele. “É a experiência física que não pode ser escrita ou explicada; é sentida” (JACIR *apud* WADI, 2014, p. 49, tradução nossa) (ver figuras 18, 19, 20 e 21).

Figuras 18, 19, 20 e 21: A água e, sobretudo, o mar, são elementos simbólicos na obra.



Fonte: fotogramas do filme *O Sal Desse Mar* (2008).

Com efeito, *O Sal Desse Mar* é um filme que vai além de uma simples representação da diáspora e do exílio palestino, funcionando como uma ferramenta de resistência e preservação da memória coletiva de um território ocupado há tantas décadas. A partir da trajetória da protagonista, sobretudo com os elementos contextualizados neste texto, o filme expõe as contradições e desafios da identidade palestina, ao mesmo tempo em que desafia as narrativas hegemônicas ocidentais sobre o conflito Israel-Palestina. O cinema de Annemarie Jacir, ao centralizar as experiências e lutas do povo palestino, coloca em evidência a força da cultura como um ato de resistência política, cultural e histórica, permitindo que os palestinos se





reconectem com suas raízes e reimaginem seu futuro diante das dificuldades impostas pela ocupação israelense, pelo sionismo e pela diáspora.

5 CONCLUSÃO

O cinema palestino, além de um meio de expressão, desempenha um papel crucial na preservação e disseminação das narrativas palestinas, especialmente em um contexto de diáspora e ocupação. A representação da resistência, da identidade e da memória no filme *O Sal Desse Mar*, de Annemarie Jacir, evidencia de que forma a luta palestina é multidimensional, envolvendo não apenas a resistência política e armada, mas também uma luta social e cultural, reforçando a complexa relação entre identidade, território e pertencimento.

A protagonista Soraya, uma palestina-estadunidense, simboliza a busca por uma reconexão com as raízes familiares e culturais, mesmo a partir de uma posição de deslocamento. Sua trajetória revela as tensões vividas por palestinos da diáspora, que muitas vezes se encontram divididos entre dois mundos, como exemplificado pela mescla linguística e cultural presente no filme. Tal representação é um poderoso lembrete das fronteiras simbólicas e materiais que separam, mas também conectam, a diáspora palestina à sua terra natal.

Além disso, a análise do simbolismo presente no filme, como as laranjas e o mar de Jaffa, mostrou de que forma os elementos visuais reforçam a conexão entre território e memória. As laranjas, enquanto símbolo de identidade e pertencimento, remetem à relação histórica e afetiva com o território palestino, sublinhando a contínua luta pela preservação das raízes culturais e do direito ao território. Já o mar, tanto uma barreira quanto uma possibilidade, é apresentado como um espaço ambíguo memória e resistência, reforçando as dificuldades do retorno e da reivindicação de um espaço físico e simbólico para os palestinos.

Do ponto de vista teórico, o estudo confirmou a relevância dos conceitos de orientalismo (SAID, 2012) e eurocentrismo (AMIN, 2021) para compreender a forma como as narrativas ocidentais sobre a Palestina têm sido construídas e como o cinema palestino oferece uma contranarrativa a essas representações. Ao desafiar a hegemonia ocidental na construção das identidades palestinas, cineastas como Annemarie Jacir não apenas questionam as versões oficiais da história, mas também





criam – a contrapelo – um espaço para que as vozes palestinas sejam ouvidas e reconhecidas.

O cinema, nesse sentido, emerge como uma ferramenta potente de resistência, pois permite que os palestinos contem suas próprias histórias, resistindo à tentativa de invisibilização cultural e histórica. O filme analisado, ao apresentar uma narrativa intimista e profundamente política, desafia o espectador a refletir sobre as injustiças da ocupação e sobre as complexas questões de identidade e pertencimento que permeiam a vida palestina.

Assim, este estudo contribui para a ampliação do debate sobre a importância do cinema como um espaço de construção de memória nacional para os palestinos. No entanto, reconhecemos que a discussão pode ser aprofundada com a análise de outras obras cinematográficas palestinas e de cineastas que, assim como Jacir, utilizam o cinema como uma forma de enfrentamento às narrativas coloniais e de preservação das identidades culturais e políticas da Palestina.

Em futuras pesquisas, será interessante investigar com maior profundidade o impacto do cinema palestino na formação de identidades transnacionais, considerando a crescente diáspora palestina e a forma como essas narrativas cinematográficas circulam em espaços globais. Além disso, estudos comparativos entre o cinema palestino e outros cinemas de resistência do Oriente Médio podem oferecer novas perspectivas sobre o papel do audiovisual na luta por justiça social e autodeterminação.

Em suma, *O Sal Desse Mar* se destaca como uma obra seminal no cinema palestino contemporâneo, não apenas por sua relevância política, mas também por sua sensibilidade ao retratar a complexidade da experiência palestina. Através da protagonista Soraya e de sua busca por justiça e pertencimento, o filme revela as múltiplas camadas da resistência palestina e reafirma o poder do cinema como uma forma de preservar memórias, questionar hegemonias e promover a resistência cultural.

REFERÊNCIAS

AMIN, Samir. **O eurocentrismo**: crítica de uma ideologia. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.





BUZETTO, Marcelo. **A questão palestina**: guerra, política e relações internacionais. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

DABASHI, Hamid. **Introduction**. In: DABASHI, Hamid. Dreams of a nation: on palestinian cinema. 1. ed. Londres: Verso Books, 2006. p. 8-11.

EIRAS, Natáia. **Qual a origem do lenço palestino?** Item que foi moda volta como 'bandeira'. UOL, 05 de março de 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2024/03/05/qual-a-origem-do-lenco-palestino-item-que-foi-moda-volta-como-bandeira.htm>. Acesso em 26 de setembro de 2024.

FRANCE PRESSE. **Israel completa 70 anos de independência nesta segunda**; relembre como foi declaração. Portal G1, 13 de maio de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/israel-completa-70-anos-de-independencia-nesta-segunda-relembre-como-foi-declaracao.ghtml>. Acesso em 26 de setembro de 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

INSTITUTO DA CULTURA ÁRABE. **13ª Mostra Mundo Árabe de Cinema**: programação de filmes no CineSesc e no CCBB-SP celebra o reconhecimento cultural entre Brasil, América Latina e Mundo Árabe. 20 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.icarabe.org/node/3411>. Acesso em 26 de setembro de 2024.

JACIR, Annemarie. **“For cultural purposes only”**: curating a palestinian film festival. In: DABASHI, Hamid. Dreams of a nation: on palestinian cinema. 1. ed. Londres: Verso Books, 2006. p. 23-31.

LEÓN, Lucas Pordeus. **Entenda os acordos de Oslo, tentativa de paz entre Israel e Palestina**: negociações completam 30 anos em meio a intensificação do conflito. Brasília: Agência Brasil/EBC, 11 de outubro de 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-11/entenda-os-acordos-de-oslo-tentativa-de-paz-entre-israel-e-palestina>. Acesso em 7 de outubro de 2024.

MASSAD, Joseph. **The weapon of culture**: cinema in the palestinian liberation struggle. In: DABASHI, Hamid. Dreams of a nation: on palestinian cinema. 1. ed. Londres: Verso Books, 2006. p. 32-35.

O SAL Desse Mar. Direção: Annemarie Jacir. Produção: Annemarie Jacir. DVD. 105 min., son., color., 2008. Acesso em 26 de setembro de 2024.

SAID, Edward W. **A questão da Palestina**. São Paulo: Unesp, 2012.





SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALEH, Mohsen Mohammad. **Fatos fundamentais sobre a questão palestina**. São Paulo: Monitor do Oriente, 2021. Disponível em: <https://www.editoramemo.com/wp-content/uploads/2021/12/Fatos-fundamentais-sobre-a-questao-palestina.pdf>. Acesso em 26 de setembro de 2024.

SAMBADO, Cristina. **Unicef alerta para crise de "proporções alarmantes" na Faixa de Gaza**: agência divulgou balanço de atuação nos seis meses de guerra. Agência Brasil, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-04/unicef-alerta-para-crise-de-proporcoes-alarmanes-na-faixa-de-gaza#>. Acesso em: 26 de setembro de 2024.

SARNO, Hannah Romã Bellini. Um cinema nacional sem uma nação: notas sobre identidade palestina e os filmes de Elia Suleiman. **Lumina** (UFJF), [S. l.], v. 16, n. 1, p. 167–183, 2022. DOI: 10.34019/1981-4070.2022.v16.34354. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/34354>. Acesso em 26 de setembro de 2024.

SELLA, Adam. **The fruits of Palestine and their symbolism**. Al Jazeera: 31 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2023/8/31/the-fruits-of-palestine-and-their-symbolism>. Acesso em 26 de setembro de 2024.

WADI, Shahd. **Corpos que acontecem na fronteira**. In: GARRAIO, Júlia; WADI, Shahd. **Reflexões sobre mulheres palestianas e cinema**. e-cadernos (CES): v. 22, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1820>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1881?file=1>. Acesso em 26 de setembro de 2024.

